

Joaninha Duarte

A LUZ DA CAL AO CANTO DO LUME  
Tradição Oral do Concelho de Mora



Edições Colibri

*Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação*

DUARTE, Joaquina, 1959-

A luz da cal ao canto do lume : tradição oral do Concelho de Mora. -  
(Extra-colecção)

ISBN 978-972-772-930-2

CDU 398

821.134.3-91

**Título:** A Luz da Cal ao Canto do Lume.  
Tradição Oral do Concelho de Mora

**Autora:** Joaquina Duarte

**Editor:** Fernando Mão de Ferro

**Capa:** Danuta Wojciechowska

**Depósito legal n.º** 299 892/09

Lisboa, Outubro de 2009

a comunidade reunia-se. Sentados em mochos<sup>8</sup> e avivando o lume, os mais velhos partilhavam a experiência da vida com os mais novos. Na casa dos mais pobres, o lume era de gravelha<sup>9</sup>, na dos mais abastados o lume era de madeiros de sobro ou de azinho. Havia lume todo o ano, pois estava sempre a ser preciso. As varas suportavam as carnes que estavam no fumeiro durante grandes temporadas, até a carne estar curada. Era onde se cozinhava e aqueciam as águas. O lume e a companhia que se fazia eram um motivo mais que suficiente para se planificar o trabalho do dia seguinte. O “Sol do Lar” estava sempre cheio de gente. Entre novos e velhos desatavam-se nós e davam-se laços para se viver uma vida com valores.

### I. 1.2. Momentos Fiados ao Canto do Lume

A manhã, tarde, noite e a madrugada eram os quatro momentos onde eram desfiadas as palavras que modelavam o espaço e o ambiente da comunidade do Canto do Lume. Aqui o tempo era marcado pela vida e pelo ritmo do coração. A manhã era alinhavada muito cedo. Pelo lusco-fusco da madrugada, os homens partiam para o trabalho.

As mulheres que não trabalhavam ao campo, ficavam em casa e começavam por lavar o Lar. Esfregavam-no quando era de cimento ou laje ou varriam-no quando era de terra, aguada, para não levantar o pó. Todo este ritual era para “o borralho à noite ser mais asseado”<sup>10</sup>.

Ajeitavam-se os mochos, as cadeirinhas empalhadas, limpava-se a mesa que suportava o candeeiro a petróleo e que tinha uma gaveta onde se guardavam as navalhinhas.

Como ainda havia brasas do dia anterior, bastava juntar mais um pouco de lenha. O lume de chão, do Canto do Lume da Ti Ludovina, estava sempre aceso<sup>11</sup> e quando ficava mais forte punha-se a grande “escloteira”, onde se fazia o café de cevada com uma brasa no final para não arrufar ou então, se tinha sobrado farinha da amassadura do pão, torrava-se e fazia-se o caldo com uma casca de limão e açúcar<sup>12</sup>. Então era servido o “almoço pequenino” pela gente da casa e muitas vezes por aqueles que se faziam aparecer, quando iam para a escola.

No resto da manhã não havia tempo para se sentarem ao Fumeiro, pois os afazeres da casa não permitiam. Uma das tarefas era ir à fonte buscar água, pois não havia água canalizada em casa das pessoas. Já naquela altura os mais

<sup>8</sup> Bancos de madeira, de diferentes tamanhos, empalhados à mão.

<sup>9</sup> Rama seca dos pinheiros que era retirada por uma gancha.

<sup>10</sup> Expressão utilizada pela Ti Tóda, uma das Contadoras de Histórias da Comunidade do Canto do Lume e nossa contadora particular.

<sup>11</sup> Por vezes apagava-se o lume e as vizinhas pediam uma brasa para voltar a atear-lo ou preparar o almoço. A Rosa Rolhas de Cabeção pedia assim: “Ai siluvim, tem lu pa assa madim?” (Ai, senhora Ludovina tem lume para assar sardinha?).

<sup>12</sup> O caldo fazia muito bem a quem tinha prisão de ventre. Esta receita não consta na RECOLHA, no [A QUE SABE MORA?], porque já se encontra descrita no corpo do texto.

pequenos ajudavam os mais velhos com o Ambiente. Será? Senão vejamos, a Ti Tóda, quando ia à fonte, levava dois cântaros: um à cabeça, outro debaixo do braço. O poço da Ti Chica Duarte, às vezes, tinha muita gente, então, descia mais um pouco e ia ao da Maria Rufina ou ao da Câmara. Quando vinha de regresso passava por casa do Zé António<sup>13</sup>, que lhe dizia: “Ó Sicató, eu até tenho pena de vomecê. Faça como a ‘nha’ mãe: só com um cântaro, faz o ‘comere’, lava-se a ‘nha’ mãe e o mê pai, eu e o mê irmão. Inda lava o chão, o lar e o portado”. E a Ti Tóda exclamava: “Olha o gaiato a ensinar-me a poupar água, eh?”

A tarde era precedida pelo almoço, por volta do meio-dia. Os homens e as mulheres que trabalhavam ao campo comiam por lá. Todavia, quando havia tempo para vir a casa, diziam dos que tinham acordado mais tarde: “Esta gente apodrece com tanto dormir”<sup>14</sup>. O cheiro que havia na casa era de migas salteadas na sertã ou uma açorda feita no alguidar de barro.<sup>15</sup>

Depois, a tarde chegava devagar. Os homens e os jovens rapazes faziam os trabalhos do campo. As mulheres que ficavam em casa andavam sempre numa “dobadoura”: limpavam o que estava limpo<sup>16</sup>. Lavavam a roupa, na ribeira, no tanque da vila ou quintal. A receita era antiga: a roupa era esfregada com sabão azul e branco. O João André<sup>17</sup> contou-nos que a sua avó, a Conceição Catrocha, fazia uma barrela com cinza do lume, água e sabão azul e branco. Depois da barrela, punha-se a corar nas silvas ou em cordas improvisadas. Por fim, o sol forte e a água clarinha faziam a roupa branca como a cal.

A cinza do lume, depois de peneirada para não levar as brasas, era aproveitada para muita coisa. Lembra-se que a avó, há 41 anos, “lavava a porta com mijo e cinza. Faziam uma papa, aplicavam na porta para ficar ‘descasquiada’ e, por fim, lava a porta com água e lixívia; também a ‘tanaza’ era ‘descasquiada’ com cinza e água do sabão; a cinza servia ainda, para arear os talheres, para pôr nos alhos, favas, ervilhas...”

Quando matavam porcos enchiam carne nas tardes frias de Inverno e sempre que podiam, faziam o pezinho à casa, mesmo sem estarem em tempo de caiaças. Passavam a roupa com o ferro de brasas ou varriam os quintais e

<sup>13</sup> O Zé António era filho da Marcena Badia e de João Silveira que moravam na Pena Última. A Marcena Badia era muito trabalhadeira e era capaz de fazer umas calças e uma camisa num dia. O pai já não era assim. Então, o moço dizia que o pai gostava muito de fazer rapousas. Mas a mãe logo adiantava: “só os ricos fazem rapousa (repouso, sesta), os pobres não têm tempo”. Caso narrado pela Ti Tóda, em 10-02-2008.

<sup>14</sup> Expressão muito ouvida ao Ti Pina. Era homem de muita léria, bem-apegoado e muito popular.

<sup>15</sup> Era costume as vizinhas irem pedir umas colheres de azeite a quem tinha mais fartura. À Ti Ludovina pediam umas colheres, mas levavam sempre um copo porque sabiam que ele vinha de lá cheio.

<sup>16</sup> As mulheres alentejanas têm fama que são muito asseadas. Por isso, esta expressão ainda é tão utilizada.

<sup>17</sup> Conversas sobre cinzas, asseios e restos, com o João André em 09-04-2008. Aquele que o povo costuma chamar: “É um artista”.

as ruas. As jovens raparigas ajudavam na lida da casa, trabalhavam ao campo ou iam à costura<sup>18</sup>.

As crianças jogavam na rua ao aeroplano, ao jogo das cinco pedrinhas (apanhadas na ribeira), ao cinquenta e um (jogo das escondidas), aos gambuzinos (um saco ou um pau bastava para os apanhar), às estátuas (ninguém se podia rir, senão perdia), ao anel, ao lenço, à cabra-cega, ao pé-coxinho, à malha, às prendas, adivinhas, ao berlinde, ao pião, à corda, aos cinco cantinhos e ao enleio de fio (com as duas mãos e uma ponta de fio fazíamos a cama, a estrela, o galo e as figuras mais elaboradas eram já para mãos experimentadas).

Em casa, as crianças brincavam às mães e às filhas, aos bebês, aos médicos, aos jantarinhos. Contudo a brincadeira mais preferida era a das bonecas: de loiça ou de trapos. As mulheres da casa costumavam costurar bonecas com restos de tecido e davam alinhavos de cor para fazer os olhos, o nariz e a boca. A Avó Quina<sup>19</sup> era uma especialista a fazer matrafonas.

Quando as crianças adoeciam com bexigas, tosse convulsa, anginas, sarampo, papeira, gripes, as mulheres ficavam de atalaia ao seu bem-estar e não as deixavam sair de casa. Então, as brincadeiras eram outras: viam retratos, inventavam histórias com as bonecas de papel, recortavam revistas com a tesoura da costura, jogava-se com os botões ou com feijões, liam-se romances de cordel comprados na Feira da Ponte – Ponte de Sôr ou na Feira de S. João – Évora, ... e contavam-se histórias...

Conta-nos o Zé Caeiro, num desabafo: “eu acho que ficava doente só para ouvir contar histórias”. Ele vivia no campo e quando ouvia os homens dizer: “Hoje está aguada!”. Queria dizer que o tempo não estava para graças e a chuva não permitia trabalhos no campo. A continuar o seu desabafo acrescenta: “Os trabalhadores juntavam-se num grande barracão ao qual chamavam abegoaria. Quando chegava o abegão decidiam ficar ali ao canto da chaminé, muito grande, contando histórias de lobisomens, bruxas, ... ainda hoje é das coisas que mais guardo na minha memória”<sup>20</sup>. No tempo do “atabefe”<sup>21</sup>, iam até à herdade do Reguengo. Passavam a Ribeira Raia por umas calhas, pois não havia ponte e lá iam as crianças numa risota buscar o “almece” para se comer à ceia com pão migado. À tarde, por volta das quinze horas, havia sempre tempo para o jantar: pão com morcela, toucinho ou queijo. No tempo das vindimas, as pessoas comiam uvas e davam umas às outras<sup>22</sup>.

<sup>18</sup> Há sessenta anos largos, as moças em Cabeção iam à costura à das meninas Maurícias (as manas Antónia e Maria Jacinta, ainda vivas, eram mestras em costura), durante o dia e faziam serão em tempo de festas.

<sup>19</sup> Nossa mãe e uma das Cantadeiras do nosso Canto do Lume.

<sup>20</sup> Conversa informal com o José Caeiro que trabalha no Gabinete de Informação da Câmara Municipal de Mora, em 14 de Maio de 2004, enquanto preparávamos a Exposição “Fiz-me Contadora e Contadeira”, para o V Encontro de Contadores de Histórias.

<sup>21</sup> Soro do leite, também chamado almece, que corre dos cinchos.

<sup>22</sup> Quando os homens andavam a cavar vinha (trabalho muito pesado), as mulheres faziam “comer” de carne para os homens terem força, testemunha a Ti Tóda.

O sol-posto chegava e com ele a ceia. A ceia era composta por um caldo de feijão com massa ou feijão com couve<sup>23</sup>. Porém, em muitas casas, as mães partiam uma fatia de pão e uma outra mais pequenina servia de conduto da primeira.

O Lusco-fusco da noite era pespontado ao Canto do Lume. Só no Verão os portados da casa o substituíam, a comunidade levava os mochos e faziam um Canto de Estrelas.

No Inverno, os serões eram muito grandes e havia tempo para tudo. Deitava-se uma braçada de gravetos para espertar o lume. Descreve Agustina Bessa Luís: “As sombras dançavam nas paredes, e as manchas inqualificáveis dessas paredes pareciam animar-se, soltar braços e pernas, agitar cabeleiras, abrir bocas hilariantes”<sup>24</sup>.

E por ali se ficava o resto da noite, (...) a aquecer-se por dentro e por fora<sup>25</sup>. Os homens deitavam contas à vida e as mulheres faziam meias de cinco agulhas, fazendo-nos lembrar a quadra<sup>26</sup> popular:

*Nossa Senhora faz meia  
Com linha feita de luz,  
O novelo é a lua cheia  
E as meias são para Jesus.*

Dobava-se lã, faziam-se camisolas com duas agulhas e rendas para enfeitar as janelas, “cantareiras”, mesas e cadeiras.

Ensinar a lição aos pais para ensinarem os filhos era talvez a meada mais difícil de desenredar. A maior parte das crianças tinha muita dificuldade na escola. E os pais eram analfabetos: só conheciam a escola do trabalho e a do Canto do Lume. Os Professores ou Mestres-Escola eram severos e rigorosos. O medo tomava conta das crianças e se não soubessem a lição levavam régua-das ou ponteiradas. A propósito a Ti Tóda, narrou-nos esta parte:

“Conta-se que há uns sessenta anos, o Felisberto, irmão da Margarida dos Arcos, era o primeiro da sala. Enquanto, o Felisberto era o mais esperto, o Zezinho tinha muitas dificuldades. Então, o primeiro ensinou ao segundo a lição. Ele só tinha que dizer aquilo que tinha aprendido. Ora um belo dia, o Professor Varela pediu ao Zezinho para ler a lição. Ele estava todo contente porque até sabia a lição de cor. Mas, em vez de ler a lição, disse o verso que tinha aprendido:

<sup>23</sup> Ver RECOLHA, “Comeres”, [A que sabe Mora?], p. 225.

<sup>24</sup> Agustina Bessa Luís, *A Brusca*, Lisboa, Guimarães e C.º Editores, 1984, p. 134.

<sup>25</sup> Lopes Correia, *Memorial de Uma Vila*, Coimbra, Edição Póstuma, 1994, p. 5.

<sup>26</sup> Joana Muñoz, *Campo Maior – Memória das Minhas Raízes*, Lisboa, Edição de Autora, 1998, p. 137.

*Feijão-frade  
Feijão fradeira  
Lá vai o Zé Coelho  
Entrar para a ratoeira.*

Foi risota geral. O professor quis saber quem lhe tinha ensinado a lição, mas o rapazinho nunca disse, pois tinha aprendido na escola do Canto do Lume que tínhamos de ser leais. E para além disso, o colega Felisberto tinha-lhe prometido umas ‘marranadas’ pela cabeça se ele dissesse alguma coisa.”

Depois dos deveres escolares aprendidos, os moços jogavam às cartas e as moças aprendiam a fazer renda. Quando vinha muita mocidade estendiam uma manta e jogavam todos juntos. “Era uma rambóia. Depois começou a haver grafonola<sup>27</sup> e quando lhe apeteciam, dobravam a manta e faziam uma bailarada”<sup>28</sup>. Mas, na década de cinquenta, o Canto do Lume era muitas vezes trocado, por esta mocidade, pelo Cinema: Cine-Esplanada<sup>29</sup>.

Também as orações eram aprendidas no Santuário Alentejano. Grandes e pequenos aprendiam os Padre Nossos, as Avé Marias e ainda as orações que os mais velhos sabiam. Nas noites escuras como breu, o céu enchia-se de trovões que pareciam querer partir a terra. Mas o maior medo era que caísse algum “perigo”. Então, as pessoas iam para casa umas das outras. Para acalmar, as crianças diziam que Deus estava a ralhar com os Homens ou a arrumar a casa do Céu. Então todos juntos faziam a oração a Santa Bárbara ou a Santo António, para a trovoada abalar.<sup>30</sup>

*“Santo António se levantou,  
O seu bordãozinho pegou,  
Seu capuchinho vestiu.  
E sua mãe perguntou  
– Onde vais António?  
– Vou para aí, espalhar essa trovoada.*

<sup>27</sup> Narrado pela Maria Helena Duarte Constantino, em 2-04-2008: “Enquanto na geração de 40 era a gaita-de-beiços que animava os bailes ou alguém cantava e os outros dançavam, na década de 50, já era a grafonola que se levava para o pinhal e que animava os bailaricos”.

<sup>28</sup> Contudo, nos anos quarenta, a grafonola já pertencia às vivências da Comunidade do Canto do Lume. E a mocidade do tempo da Margarida Pina foi a primeira a beneficiar das suas melodias.

<sup>29</sup> “A história narrada no filme era várias vezes contada ao longo da semana por toda a gente que tinha assistido, sendo que havia uma distinção bem explícita de quem era o “actor” por excelência, ou seja o actor principal. “Quem era o actor?” Era a pergunta mais usual. Mas não era o nome artístico que se pretendia saber, mas (o) ou (a) personagem que tinha tido o papel decisivo, o papel mais importante. Eu ainda vivi esta situação em miúda”, conta-nos Maria Helena Duarte Constantino.

<sup>30</sup> Ti Rosa Courinha contou-nos a sua experiência de gaiata em 12-03-2008.

*E a mãe respondeu:  
 – Espalha lá para bem longe.  
 Onde não haja eira nem beira,  
 Nem raminho de figueira,  
 Nem mulher com menino,  
 Nem vaca com bezerrinho,  
 Nem coisa que faça mal.”*

Assim se aquietavam até a trovoadas passar.

O lume e a companhia eram a fonte de afectividade e entendimento. O lume como espírito criador era acolhedor e a companhia servia para os processos mais complicados de socialização. Dobavam-se as conversas difíceis de desenlear. Era um trabalho de agulha fina, capaz de desatar os nós dos abertos e fechados. Assim, enquanto a chama ardia, a comunidade tornava-se forte, cimentava-se a autoridade e o prestígio das gerações mais velhas sobre as mais novas, reproduzindo os seus saberes, práticas e valores.

Contudo, as cinzas do borralho, que significam degradação e maus tratos<sup>31</sup>, aqueciam os pés daqueles que são escravos do trabalho, juntavam os que andavam de costas voltadas para eles e para a vida e, numa partilha da palavra e de afectos, elevavam-se pela Luz da Cal para uma vida mais digna e nobre.

O borralho tinha um espírito criador e a Lareira tornava-se um “Espaço acolhedor do Fogo (...) que propicia a interiorização, a posição de enrolamento e os diversos contares”<sup>32</sup>.

Ao serão havia sempre tempo para um conto. Os mais velhos compunham o lume, atçavam as brasas e as oralidades nasciam naturalmente como as chamas iluminavam ou deitavam calor. Os contos eram contados e recontados com sabor a bolotas ou pinhões no Inverno ou a amoras silvestres no Verão.

A Zefa Rita<sup>33</sup> conhecia histórias muito antigas que tinha ouvido aos pais e aos avós: o Touro Azul<sup>34</sup>, o João de Calais, a Princesa Magalona, entre outros. Os homens gostavam de contar era casos ou estórias: “Fui a Santarém (sem nunca ter ido a Santarém), vi lá uma briga de vinte e só escaparam cem.”<sup>35</sup>

<sup>31</sup> Constatamos isso, no Conto da Gata Borralheira. Ela encontra-se entre cinzas, vivendo as maiores provações, preparando-a para um reino de satisfação ilimitada.

<sup>32</sup> Maria Teresa Meireles, *Elementos e Entes Sobrenaturais nos Contos e Lendas*, Lisboa, Vega, 1999, p. 63.

<sup>33</sup> A prima vizinha Zefa Rita era mãe do Simão e do Chico Vieira. Era uma das Contadoras de Histórias do Canto do Lume, daquele tempo.

<sup>34</sup> “Há cinquenta anos largos andava tudo parvo com a história do Touro azul”, diz-nos a Ti Tóda. Esta história está muito esquecida na memória dos nossos anciãos e já não nos lembrávamos que a tínhamos recolhido. Quando nos dedicámos à morosa transcrição das cassetes, ouvimos o Touro azul contado pela Antónia Manaia, que nos deixou de “cara aberta”. Podemos encontrar o referido conto, em [CONTOS E ‘CONTARELOS’], na nossa RECOLHA, p. 132.

<sup>35</sup> Lérias do Ti Pina, narradas pela Ti Tóda em 10-02-2008.

Mas, quando a Ti Tóda começava: “era uma vez um menino que ia correr mundo...”, todos viajavam com o menino. Os espaços e os tempos eram atravessados e as personagens misturavam-se connosco, mostrando-se vivas. Nada parecia ser, tudo era verdadeiro. Pelo menos na nossa imaginação.

A narração era acompanhada por torradas de azeite ou banha, polvilhadas com açúcar e bebia-se o café de cevada ou chá “doce lima”<sup>36</sup>.

O serão prolongava-se até às vinte e três horas. Mas, antes de se irem deitar, todos pediam mais um conto, nem que fosse repetido.

*Conta-me um conto... conta!...Então às palavras e aos gestos  
juntam-se as memórias, os afectos...e a vida acontece.  
As palavras que aqui usamos sabem a mel,  
cheiram a forno de lenha e soam cristalinas  
como o chapinhar da água naquele alguidar  
de zinco da casa da avó.*

*Conta-me um conto... conta!...E os gestos moldam o corpo  
revelando a semelhança com as raposas,  
os reis, as princesas e os pastores  
guardadores de sonhos, que povoam o nosso imaginário.  
Era uma vez...Sabemos que este é o instante mágico.  
Agora tudo é entrega, tudo é relação.  
... Talvez por tudo isto, sempre que dizemos Alentejo,  
sentimos a alma cheia e ouvimos contar!<sup>37</sup>*

Agora sim, alimentados pelo sentimento de pertença que lhes dava uma segurança infinita, iriam dormir e acalantar sonhos. Era a altura de rematar o dia, caiando a boneca<sup>38</sup>, que era regada a cal duas vezes por semana. O Canto do Lume era um porto seguro: um ponto de partida e um ponto de chegada para a Comunidade. Esta abria-se ao universo de afectos, de falas, onde se esculpiam as emoções que levavam as pessoas a ensaiarem-se nos caminhos da vida. “Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do universo”<sup>39</sup>, diz-nos Fernando Pessoa e a nós, à semelhança do Poeta, oferece-nos dizer: do meu Canto do Lume vejo quanta Luz de Cal se pode ver do Universo – título escolhido para a RECOLHA, a II parte deste trabalho.

<sup>36</sup> O chá Lúcia Lima toma o nome de doce lima por estas bandas do Alentejo.

<sup>37</sup> Cristina Taquelim, II Encontro Nacional de Aprendizizes do Contar, Palavras Andarilhas, Beja, 2000.

<sup>38</sup> A boneca da chaminé era uma saliência rectangular, feita em cimento, com um círculo no cimo (talvez seja esta característica que lhe dê o nome), que se situava em baixo e no centro da chaminé. A boneca da chaminé tem aproximadamente sessenta anos. Antes da boneca, as mulheres mais opiniosas caiavam a chaminé todas as noites. Mas, com esse melhoramento, as chaminés começaram a ficar mais protegidas das brasas e do fumo. Então, passaram a ser caídas duas vezes por semana. Mais tarde começaram a usar-se chapas de zinco e de ferro, azulejô.

<sup>39</sup> Alberto Caeiro, *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001, p. 34.